

Relatório de Educação Física– 2º semestre/2016

Turma: *Maternal B*

Professora: Andrea Desiderio

Coordenadora: *Lucy Ramos Torres*



“Os pequenos nos convidam a experimentar

Eles tem a arte dentro de si

Eles criam arte,

Eles nos dizem algo

Algo que perdemos

Algo atraente e sedutor

Algo que reconhecemos

E que não podemos explicar

Tudo é muito maior

Para as crianças pequenas existe uma conexão direta entre vida e obra

Essas são coisas inseparáveis.”

(Anne Marie Holm)



Quanto menores, mais observo! Tenho comigo, nestes 16 anos de pesquisa com a infância que a criança pequena, por si só, não se arrisca em lugares e movimentações que ainda não dá conta corporalmente. Mas e os acidentes? Sim, acontecem, mas normalmente o medo e o risco exagerado são criações culturais e impedem o desenvolvimento das pessoas, sejam elas grandes ou pequenas. Sempre que possível



oriento sobre as características do local que a criança está e explico como ela deveria se organizar corporalmente lá. "Esse lugar é muito alto! Olha lá embaixo. É perigoso. Você consegue ficar aí? Ou descer? Segure firme tá?" Entre outras frases.

Também valorizo muito as conquistas corporais e verbalizo isso. Oriento outros adultos ou adultas a se arrisquem a também possibilitarem a autonomia corporal das crianças pequenas e que nunca, ou quase nunca, façam o movimento no lugar da criança, como por exemplo, colocar a criança em um local alto, o qual ela não daria conta de subir sozinha, retirá-la de um lugar perigoso, ao invés de explicar cuidadosamente como ela poderia sair, entre outras. Para os adultos também digo que não devem proibir ou negar o corpo, exemplo: "não corre.....não vá por aí.....você não vai conseguir!"

"Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas."

(Manoel de Barros)

Tenho utilizado, cada vez mais, meus tempos de leitura para coisas da infância, os momentos que antecedem o chamado ensino formal. Gosto bastante da possibilidade que se tem na Educação Infantil de observar a infância "sendo" e assim aprender com ela como um ser estrangeiro.



Muitos dos documentos oficiais que embasam, sustentam e deveriam orientar as práticas educativas com crianças pequenas apresentam como pontos potentes e focais para o trabalho com a infância o corpo, o movimento, a criação, a inovação, a transgressão, a efemeridade, entre outros. Além de darem abertura e muita flexibilidade para professores e instituições.

Não tenho receita, não sigo padrões fechados e não acredito em desenvolvimento por faixas etárias.

Minha base é a cultura, o movimento e a arte. Acredito nos encontros e nos desdobramentos que podem causar.

Com isso o que vou relatar aqui vai abraçar as propostas da pesquisadora Ana Lúcia Goulart de Faria (2006) quando menciona que:



(...)se impõe: uma pedagogia da escuta, uma pedagogia das relações, uma pedagogia da diferença, o que chamei no meu doutorado de pedagogia macunaímica, onde além das ciências que a Pedagogia busca suas bases epistemológicas, também a arte é seu fundamento, garantindo assim a ausência de modelos rígidos preparatórios para a fase seguinte e, além de um cognitivismo característico das pedagogias, também a construção de todas as dimensões humanas e o convívio com a

diferença, “sem nenhum caráter”.



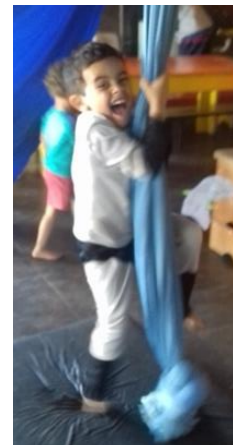
A turma do Maternal B tem uma grande disponibilidade corporal e neste semestre foquei meus esforços na intenção de desconstruir algumas intervenções corporais,

características de adultos, que as crianças trouxeram como: pouca criatividade (ou medos) em desafios corporais, necessidade da intervenção do adulto e principalmente do “olhar” do adulto. Quando menciono pouca criatividade corporal, digo em relação a gestual algumas vezes estereotipado e de pouca diversidade e em alguns aspectos ligados a uma única estética e a busca pelo “bonito, bom, perfeito”. A necessidade da intervenção do adulto me chamou a atenção, pois em alguns momentos eles e elas se comportam como adultos aguardando comando para os próximos desafios. Nas aulas que tivemos circuitos de desafios esses dois aspectos foram se diluindo com a maioria das crianças. Já o olhar do adulto, encaro como uma “mostra de talentos”, possibilitou a observação entre todos e todas e ao mesmo tempo que estimulava as novas descobertas pela imitação, também pode desenvolver, mesmo que momentaneamente, a escuta e a espera.



As relações continuaram sendo um ponto importante no semestre também, principalmente as relações entre as crianças e também com seu “eu”, seu ser corporal. Os momentos de respeito, de conflitos, de ajudas e cuidados que são deflagrados em brincadeiras corporais de movimento.

Fomos brincando livremente, nos locais combinados e determinados inicialmente por mim, mas fui tentando investir na “transgressão”. Que as crianças pudessem ir além das minhas propostas.



Brincamos com fantasias, com personagens conhecidos, com maquiagens (de lápis aquarela), de circo, de bicho, com caixas de papelão, com colchões, com pequenas bolas. Brincamos de correr, de virar estrela, de virar de ponta cabeça, de cambalhota, de equilibrar, de saltar, de rastejar, de se esconder. Subimos na árvore da horta, exploramos o parque de baixo, e alguns esconderijos pela escola. Exploramos circuitos de desafios diferentes a cada encontro.

Todos tem muito interesse pelas aulas de Educação Física sem exceção, e como dito anteriormente tem grande disponibilidade corporal, aí fica fácil propor brincadeiras e desafios.



Andrea Desiderio